caso fossem ursos

cesare rodrigues

empório *do* osório

Cesare Rodrigues

caso fossem ursos

1ª edição

São Paulo

Empório do Osório

2016

A quem possa interessar, este pequeno livro é composto por poemas escritos entre 2007 e 2015, entre São João da Boa Vista, Bauru, São Paulo e outras andanças. Alguns se transformaram várias vezes, outros se agruparam com o tempo e cresceram, outros tantos ficaram ou se perderam pelo caminho. As referências, influências e temas são os mais diversos e em alguns já não me reconheço como quando os escrevi, mas qual o poeta que sempre se reconhece nos próprios poemas?

Ele é dedicado aos amigos, familiares, chegados, camaradas, próximos ou distantes, que trouxeram ou levaram algo nesse processo. Aos poetas próximos, que sempre trouxeram muito: Grazi, Flavia, Gabriel, Otávio, Elen e outros, ainda que via blog, e-mail, facebook. Ao Hugo e à Márcia, que toparam ler antes e ajudar um bloco de texto a virar um livro.

E não seria possível [inclusive financeiramente] sem os conselhos, o estímulo, a paciência e o apoio ao longo de todos esses anos de Marcos, Márcio, Isáque, Giuliano e minha mãe.

Muito obrigado.

índice

caso
fossem
ursos

What do you think I'd see
If I could walk away from me?

Lou Reed

-If I do nothing
nothing does

Jack Kerouac

nuvens, etc

1

curtido todo o dia
procurando a personalidade
nos pingos da chuva

você se atreveria
a apontar qual gota
mais impressionou?

2

um par de nuvens brinca
com os esplêndidos futuros que teriam
caso fossem ursos

enquanto eu e você e um pensamento insistente
passeamos curiosamente distraídos
com a despreocupação que teríamos
caso fôssemos nuvens.

3

como se no negro do céu
fôssemos encontrar a Solução
investigávamos os detalhes
por infinitos instantes
que como o depois ou o antes
viriam a ser todos
& nenhum.

4

é tão claro e evidente
quanto potencialmente falso
que as nuvens vagueiam e desvanecem
quase como a memória foge
bêbados se equilibram
espasmos deixam rastros
acidentes espreitam.

5

seja imitação de Bartleby
seja prática do wu-wei
seja cortejo à preguiça
ou deixar o nada acontecer:

antes de pensar em fazer algo
prefiro pensar em não fazer.

who’s y’r fav’rite poet, man?

1

Tantos poemas lidos
que em vez de sonhar contigo
tive um sonho esquisito.

Interrompendo um poema meu tão bom
que nem mesmo em sonho eu podia acreditar
Jack Kerouac saltava de um trem
e perguntava num inglês de bêbado
who’s y’r fav’rite poet, man?

Conquanto ele rejeitasse com a cabeça
qualquer pensamento que ocorresse
ousei triunfante responder
it’s you, sei lá por que.

Bobo desejando os cumprimentos
menti ao poeta tentando agradar,
mas com olhos de anjo ele disse you lie –
you know and ev’rybody knows:
y’r fav’rite poet is Rimbaud.

2

Nesse sonho talvez
Jack Kerouac conhecesse
os velhos sonhos com Rimbaud.

Soubesse que ficávamos calados
os dois num barco ébrio
deitados à deriva no mar
e o silêncio era tão inspirador
que por nada se ousaria interromper.

Nem mesmo para depois
poder gloriosamente dizer
palavra por palavra do que ele falou.

talvez na lituânia

Sonhei que um casal de ursos bêbados
se entediava tanto assistindo ao campeonato
de tiros de sorvete ao alvo
que se lançava pueril montanha abaixo
e descia surfando na avalanche até o vale
onde eu mesmo me perdi sonhos atrás.

Sonhei que um casal de ursos bêbados
invadia infantilmente um orfanato
e se empolgava contando às crianças
tantas das boas histórias da selva
até adormecerem eufóricos depois delas
pra só despertar meses depois de mim.

da memória

Apegar-se a sonhos e delírios?
Rejeitá-los?
Duvidar deles?
Esquecê-los?
Colecioná-los?

E se um estranho aparecesse
e, com a sabedoria ubíqua
de redator de horóscopos, dissesse
todas as verdades que você
ansiava por saber
antes de se meter
a assinar um livro de poemas?

Se ele dissesse, por sua vez,
que os seus poemas estão oquei
mas tem mesmo uns dois ou três
de arrepiar os dedos dos pés

você não se internaria
com os seus poemas
pra voltar com mais uns dez?

poema

sou o grito do pássaro acuado
sou fado
interminável confusão de desvarios quietos
tumulto ritmado na ponta dos pés
desesperada fuga do claustro

sou a lágrima que destrói a tranquilidade do lago
o sussurro que disparata o sonho
o vacilo o transtorno a desilusão

sou equívoco
fátuo
alheio à morte

e quem ouve o meu grito
julga o sopro da noite

coleções

Descobriu a serventia dos machados:
abriu o peito do amado
e levou enfim só pra si
o coração ainda pulsante.

Guardou-o na caixinha
onde, quando menina,
guardava a correspondência amorosa
não correspondida.

fragmentos sobre o tempo

1

São mesmo as coisas que envelhecem
ou é o nosso olhar que envelhece as coisas?
A nossa insistência em procurar o tempo
ou em perdê-lo?

2

Quem procura o tempo pode vir a encontrá-lo,
mas antes encontrará a confusão.

Já quem perde o tempo talvez nunca mais o
encontre.

Mas quem precisa do tempo
enquanto se diverte
com a confusão?

3

Não se pode abraçar o tempo
como se abraça uma árvore,
mas como se abraça um poema.

4

Um poema é o que acontece
enquanto o tempo esquece
de existir.

Por isso,
      enquanto o tempo se distrai
                poemas não envelhecem.

palavras

Abraço a palavra aquário
como quem abraça a palavra cor,
como quem abraça um peixe
ao abraçar o nome da cor que lhe atribuem
[que escorrega pelos braços
mais liso que o peixe
mais ágil que a ideia
que já nasce com o destino manifesto
de sutilmente fugir, sem vestígios
antes que se possa compreendê-la].

Abraço a palavra água
como quem abraça a própria água e não se molha,
como quem tranquilamente abraça um rio em movimento
sem ser levado ou interrompê-lo,
como quem faz da água sua forma
da transparência sua cor
da correnteza seu ritmo.

Abraço a palavra mistério
como quem abraça cada enigma
sedento por se perder em sua essência
fascinado por seus sons e seus encantos
pelo que ele esconde em si, misterioso,
deixando sempre uma fagulha, uma intriga,
uma vontade de ser e de não ser descoberto.

Abraço a palavra homem
como quem abraça as palavras como as coisas,
como quem abraça a si mesmo
não como abraça o próprio corpo
[os braços são longos, mas não têm um coração
que se possa sentir pulsar quando se abraça],
mas como quem abraça a ideia, o destino, a correnteza
como quem só existe ao se abraçar
ao tentar desvendar seus mistérios
ao abraçar ardentemente a palavra vida
como quem dá vida à palavra homem.

big bang

Quando a ideia vem
e se sabe
que vai
explodir.

leituras despreocupadas de uma ideia de berkeley, um mito indiano e outra ideia de descartes

De uma ideia de Berkeley a existência
não era mais que a percepção:
era tudo consciência,
tudo realizado pela mente
sem existir matéria ou tempo.

De um mito indiano, a gênese ou o big bang
eram o primeiro lampejo de consciência,
o primeiro “eu sou”:
o que antecede à saudade
e inventa o amor.

“Penso, logo existo”?
Penso, logo o mundo existe!
E se o mundo é consciência
se não forem as ideias
que será que o mudaria?

Se alguém perdidamente apaixonado
pela impossibilidade de se apaixonar
resolver parar de frescura
e se jogar do décimo andar
talvez o trânsito pare
para tentar entender,
mas aposto mesmo é que a chuva
não vai levar dez minutos
para esparramar a mensagem.

monólogo questionado

Ah, e o que é que se responde
a qualquer questionamento
ou desafio ou inesperada declaração
de “ah, eu te amo tanto
que te vejo voar com os pássaros
e te vejo flutuar com os meus sonhos
e te vejo dançar com a vassoura
mesmo quando ela está quieta
ali encostada na parede”
ou à própria necessidade
de respostas que bate à porta
quando as coisas prometem ficar bem, mas
não passam de promessas vãs e nos deixam
atarefados com pensamentos e horóscopos
e milkshakes e catástrofes pessoais?

E por que é que todos vocês me olham
com toda essa atenção e interesse,
como se eu estivesse aqui para
contar-lhes algo estritamente relevante ou
me exibir com algum truque fascinante
ou me perder vergonhosamente com as palavras?

Por que é que ninguém diz palavra alguma e esta
luz vem direto na minha cara e eu estou
vestindo estas roupas que não são minhas e
dizendo todas essas coisas que mandaram dizer
em vez daquelas que eu realmente deveria?

ruínas

Ruínas personificam a história:
legados de civilizações
mitos de valentia
fábulas de estados.

O que vão contar
de meus pensamentos
arruinados?

cummings como kawabata

Deve-se ler cummings
como Kawabata:
apaixonando-se ao crepúsculo
por qualquer folha que caia.

E daí que seja um belo outono
e lá fora as folhas caiam
enquanto se acha que lê cummings
como Kawabata?

Nos outonos
as folhas não caem
como nos poemas.

spring song

1

Cabelo ao vento, ideias cambalhotam, pensamentos flutuam.
Nenhum motivo pra correr ou lugar pra chegar,
nenhum questionamento ou certeza pra alardear
a não ser que é primavera
e os devaneios ronronam
em torno dela.

Não foi Gengis Kahn quem disse
que na primavera os devaneios ronronam
quase como no outono o vento jovem
brinca com as folhas ao redor de si?

Talvez Sun Tzu ou outro alguém
que ousasse parar uma batalha pra contemplar uma flor
uma montanha,
pra comparar a primavera e o outono
feito criança curiosa nos primeiros anos.

Talvez Hilda ou Bill ou outro alguém
que de tanto observar os gatos entendeu todas as metáforas
para além dos poemas:
o passo cuidadoso, o olhar desconfiado, o ronronar
silencioso, o desafio da noite.

Talvez eu ou você e a nossa ansiedade por saber
que o próximo dia vai ser sempre muito mais
e o próximo mais e sempre assim para sempre
até que o dia não caiba mais no dia
e a gente não caiba mais no tempo.

E os devaneios cambalhotam, pensamentos ronronam, ideias
[flutuam,
a primavera é uma tarde tão breve,
uma canção.

2

“Por sorte não somos mais cães perdidos
no encalço do próprio rabo
buscando os rastros na trilha incerta
que a chuva lavou”,
deve ter dito algum poeta otimista
cujo nome talvez jamais lembraria
mas que diferença faz
se podemos ousar nos perder outra vez
e outra vez e outra vez
antes de numa epifania perceber
que como a história e o devir
ali já estivemos
e muito provavelmente estaremos.

3

Não consigo lembrar se me perdi ou quando,
se procurei rastros ou persegui o rabo,
se corri atrás de mim em círculos e encontrei outro
nem mesmo em sonho.

Tampouco posso lembrar o último motivo pelo qual sonhei
ou o penúltimo
ou qualquer motivo que faça alguém sonhar.

Mas acho que conheço o sentido dos sonhos
e não posso contar.
Acho que conheço o sentido dos sonhos
e sei que sou tão mais infeliz
que se o estivesse procurando num livro,
numa primavera,
num sonho sem sentido atrás do outro,
na trilha lavada pela chuva.

4

Acho que imagino poemas de Issa
que talvez nem mesmo Issa tenha imaginado.
Acho que cantarolo canções de Dylan
que talvez Dylan num momento assoviou, mas se esqueceu.
Acho que duvido das conclusões mais certeiras
que nem por um instante alguém esteve procurando.
Acho que conheço a primavera
muito menos hoje do que ontem.

Calar talvez
não seja propriamente mais difícil
que não saber como dizer
quando se sabe o que dizer
ou porque dizer
mas não se pode.

Calar talvez
seja sempre por desventura o destino
imposto aos poemas mais sinceros
aos gritos mais honestos
que só se ensaiam gritar pra dentro
dos peitos mais descontrolados.

Calar talvez
porque ouvir possa doer
quando se diz alucinado o que deseja
mas só quem ousa responder é o silêncio.

blue

Seu nome era Blue.
Tudo o que gostava era cantar.
Mas tudo que cantava era melancolia
e tudo que cantava vertia o dia
no mais desalentador azul que se podia imaginar.

Seu nome era Blue.
Tudo o que fazia era cantar.
Mas cantou tanto sua melancolia
que pintou todo de azul o dia
e até a noite foi azul de arrepiar.

Seu nome era Blue.
Cantou tanto que a noite foi azul.
Mas se apaixonou pela estranheza desse azul
e mergulhou nessa profundidão azul
e se afogou no próprio canto blue.

aproveite o dia

Todas as maiores bizarrices dos nossos sonhos
poderiam acontecer num dia normal
de um burocrata.

Ele acordar abraçado a uma melancia
ou ser perseguido por um cão durante o dia
ou topar com um cadeado inédito ao chegar em casa.

E algumas das bizarrices mais lindas
poderiam ocorrer a burocratas mais lindos
como se exponencialmente mais poderoso
atraísse um trote mais ridículo.

Também os nossos delírios poéticos
poderiam aparecer pelas ruas
berrando seu desajeito estético
pra se intrometer nas conversas vazias
nos silêncios incômodos e catástrofes anunciadas,
nas conjurações golpistas e decepções declaradas
pra chamar umas ideias pra dançar um tango errado
ou brincar de esconde-esconde
ou jogar algum jogo maluco sem regras
em que todos ganhem.

Talvez até se alguém gritar num Banco
alguns poemas desconexos
e outro alguém de passagem entender
ao menos algum dos versos
isso mude o dia.

Ou aí já é mais romantismo
do que cabe no poema?

versos de amor fingido

1

Te flagro
me olhando
com os olhos de quem admira um bebê.

Mas tão logo eu te olhe
com os olhos de bebê admirado
desvias o olhar proutro lado
e o meu olhar desastrado
leva tombos
tentando outra vez estar
no caminho do teu olhar.

2

Você remexe desesperadamente os livros
atrás de uma citação pontual de Aristóteles
sobre os começos e os fins
ou os fins e os começos
ou os começos dos fins
ou fins dos começos quando encontra por distração na memória
uns versos tristes de Rilke
ou Eliot
Whitman
Hitler

e se vê confusa e senta calada e se abraça aos joelhos e sorri da
[própria confusão das ideias com os pensamentos.

E sorri, imaginando o menino de olhos grandes perder na
[amarelinha pro mais esperto de uma perna só
e lembrando da anedota roubada da conversa dos astronautas
[na fila do cinema
e gargalha, enfim, por não lembrar qual era o filme.

Só lembrar que talvez não se esquecesse assim das coisas,
talvez gostasse mais de se perder
e talvez até gostasse mais de rir.
Acho que gostava mais de amar.

3

“Uma coisa é outra coisa”,
dizias, quando não sabia explicar,
“como num poema um pássaro é a vida
ou a vida mesmo é uma metáfora de qualquer coisa
ou o pensamento tem asas
ou as ondas beijam a praia
ou o teu sorriso é o sol
ou o teu sopro faz parar o tempo”
e apesar de compreender
teus exageros metafóricos
eu me derretia
e estar contigo era então
um poema
que nunca saberíamos explicar.

4

Se eu, por distração, contasse agora
a curiosidade que queria
talvez um pouco sem graça
você fingisse que ria
ou dissesse que “nisso
não há curiosidade”.

Se, em vez de desdenhar, eu sugerisse
que “curiosidade
que é curiosidade
é a que se disfarça
e finge que não é”,
a contragosto, talvez,
você fingisse que oquei
ou gargalhasse alto
pra dizer outra vez:
“vocês poetas
sempre tão cheios
de curiosidades”.

Mas, e pra saber se é só escracho
ou se “é mesmo verdade
que a curiosidade
não te segue por aí?”

Sei que curioso mesmo
é como você ficaria emburrada
e não falaria mais nada
até que eu te desse razão.

5

Sinto vergonha
de desejar
teu corpo
depois de disfarçar
teu cheiro
pra que outra amante
não te descobrisse
pela casa.

Então lembro
como o teu corpo
se enrosca
no meu
corpo
e o pensamento
flui dançando
ao teu encontro.

6

Não sei se pelo meu jeito de ser
ou se pelo teu poder
de fazer esquecer
qualquer detalhe que te acuse,
não lembro exatamente como foi
ou como eu imaginei
você me pedindo
pra cantar uma canção
que nunca tivesse ouvido.

Talvez eu seja mesmo distraído
ou não preste mais atenção a nada
quando estou contigo,
mas não consigo lembrar como foi
ou como eu imaginei
você me pedindo
pra te matar
de amor.

7

Há tempos penso tanto em ti
que se tornaste minha filosofia.

Penso no que veem teus olhos
no que tua boca hesita em dizer
na ideia luminosa
que te arranca um sorriso.

Louco de filosofia
penso que podia
pensar teu pensamento.

Penso até mesmo que podia
ser por um momento
esse lampejo que te anima.

8

Ainda que num golpe de sorte eu aprendesse
a perfeitamente seduzir-te
sei que tropeçaria desastrado a cada passo
a cada flerte ou investida.

Mas se ainda que eu sempre insistisse
em cair tombos ridículos
eles desastradamente
te arrancassem sorrisos

mesmo do chão eu sorriria
porque eles seriam garantia
do meu sucesso.

de sonhos & assassínios

What a nice day for a murder
Pete Doherty ou Jack, o Estripador

Sonhei que sutilmente te assassinava:
invadia sorrateiro o teu quarto
e te fatiava em poucos cortes com a adaga,
mais preciso que um cirurgião, mais delicado que um gato.

Sonhei que zelosamente te assassinava:
ofertava-te uma fruta envenenada
que sem questionar aceitavas
e ao morder morrias dramaticamente, no ato.

Sonhei que artisticamente te assassinava
com requintes de perversão e exageros estéticos
que te matar seria o mais lindo dos gestos
não fôssemos tão desencantados e céticos.

Sonhei que poeticamente te assassinava:
como sonho dentro de outro sonho,
enquanto recitava enfático tua elegia
eu velava o sonho de que não acordarias.

Sonhei que tão ardentemente te assassinava
que em minha sonambulia não sabia
se ofegante entre minhas mãos morrias
ou se era eu, extasiado, que ainda dormia.

home exile blues

1

Carente de entusiasmo
qualquer descoberta
se faz mais que necessária.

Desnecessário é encontrar-se.

E que esperar de outros blues
se é sempre no silêncio
que se descobre os desencontros?

2

Da suavidade da noite
roubar
silêncios divertidos.

Tranquilizar angústias
reescrevendo páginas
de poemas esquecidos.

3

Por instantes ou meses ou séculos
só dar ouvido aos conselhos
do silêncio.

4

Barulho!
Por favor, façam barulho!
Nada incomoda mais que este silêncio.
Nada fere mais os ouvidos
e perverte mais os pensamentos
que este silêncio.

Por favor, espalhem as memórias no chão!
Para que, de repente, se tropece
e alguém caia diante de mim.

Talvez então eu exista.

Por favor, eu grito, por favor!
Tome nota de quaisquer versos que lhe ocorram
e assine como meus.

Então terá em mãos o meu espólio.

5

O desespero sempre foi
que se encontrassem as provas
de que nunca existi.

6

Sonhei que inventava algo
mais dramático
que teatro.

da loucura

Só percebeu que estava louco
quando as coisas começaram
a fazer
sentido.

Penso num poema
que pense exatamente
como se perder

que pense nas nuances hiperbólicas
e nas nuances catastróficas
de se perder
mas que por distração se perca
nas nuances curiosas
ou nas irracionais
ou talvez proto-linguísticas
ou algo mais

como quem por se perder se perde
numa acrobacia, num tropeço
num pensamento errado
nesse poema.

aos 28

Sobrevivi aos perigosos 27.
Agora sei que não sou um rockstar pra história
e muito pouco mais que isso.

Sei que quando nasci
meu pai ainda não contava 28
e não fazia ideia que iria além.

Que aos 28 Eisenstein já tinha o Potemkin,
Pelé marcado uns mil gols
e Don Juan perdido as contas dos seus.

Que aos 28 Peter Pan ainda era uma criança,
George Harrison estava fora dos Beatles
e Rimbaud se estrepando na África.

Sei que aos 28 Robert & Kurt & Amy
& Lautréamont & Jimi & Janis & outros colossais
já não estavam mais,

mas eu estou aqui
e sei que as noites continuaram sendo noites
e muito pouco mais que isso.

pra fechar os olhos

fecho os olhos pra ver
um poema
que a memória escondeu

caminhando de olhos fechados
chegaremos ao destino
mesmo sem saber o caminho

os olhos fechados –
todas as lembranças
são da imaginação

vagando pela noite
só não me sinto só
ao fechar os olhos

mesmo de olhos fechados
posso perceber:
este não é o meu céu

toda a vida de olhos fechados
tentando enxergar
o que ninguém vê

um lindo poema
sobre abrir os olhos
seria um despropósito

after and after

Nada que já não tivesse sido dito,
nada que excitasse especialmente os ouvidos,
nada de revolucionário
nem definitivo.

Nada de devidamente explícito,
nada que a Houdini fosse impossível,
nada de uivo histérico,
nem de desperdício.

Nada que depois de tudo ouvido
só deixasse a sensação de novo alívio,
como se topássemos com o diabo,
mas nem fosse esse o caso.

E por isso ou mesmo sem motivo
caímos de cara no ócio ou no vício
porque sacamos já desde o início
que a grande virtude é estar perdido.

Se preocupar por que
se já estamos loucos de saber
que quando fecharmos a porta
a noite durará para sempre?

o livro das irrealidades

Por Márcio Cenzi

Houve tempo em que os poetas se valiam do mimeógrafo, noutros recorriam a jornais literários ou estudantis. Sucessora da geração que fez seus "manuscritos de computador" é aquela que encontrou nos *blogs* o espaço e o caminho para apresentar suas criações.

Foi na década passada que poetas alimentaram a rede com seus versos. Foram atraídos pela facilidade de revelar seus poemas e verificar sua recepção. Criaram-se, então, vários emaranhados de *blogs* em que poetas descobriam a produção de seus colegas e recebiam deles comentários referentes aos próprios poemas.
Dessa forma, puderam estabelecer vínculos e, diante das respostas imediatas, refletir sobre uma obra em construção. Entre os comentários, encontravam-se, além dos tradicionais spams e saudações de conhecidos do "mundo real", impressões compartilhadas por leitores de toda parte que, por obra e graça dos algoritmos e do acaso, desembocaram naquelas páginas poéticas.

Cesare Rodrigues encontrou na plataforma dos *blogs* o espaço ideal para apresentar seu inventário de obsessões e predileções: poesia, música, futebol, cinema. Em **Comédia Fajuta**, apresenta há nove anos seus versos, seus contos, suas resenhas. Em uma palavra, escritos.

É possível que, dentre os poetas mais próximos, ele tenha sido o último a fazer a migração da rede para o papel. Antes, por exemplo, foram publicados os livros de Flavia Santos, Grazi Shimizu e Otavio Ranzani.

A espera, contudo, tem seus proveitos. Nesse tempo, Cesare exercitou sua técnica e aprimorou seus recursos; aprofundou seus diálogos e redimensionou suas referências. A par disso, sobreviveu aos arroubos dos *vinte e poucos anos* e soube o que deveria, e como deveria, mostrar em sua estreia.

O resultado é que **caso fossem ursos** não se apresenta como um aleatório apanhado de poemas. Cuidadosamente encadeadas, as peças que o compõem são marcadas pela regularidade e pelo diálogo que mantêm entre si.

As chaves para essa conversa já são dadas antes do primeiro verso se insinuar, pois até chegar a **nuvens, etc** o leitor já é apresentado a dois traços marcantes do enfrentamento do poeta com seu objeto: o eu-lírico deparar-se-á sempre com o fascínio da inação e, ao vencê-lo ou para vencê-lo, recorrerá às irrealidades. Já no título, três faces do irreal se apresentam em minúsculas e desconcertam seu destinatário: hipótese, subjuntivo, devaneio. Curiosamente, o título oculta, e ao mesmo tempo atrai, outro elemento fundamental na busca que se empreende nos poemas que ele une: o interlocutor.

Tirado do poema inaugural, *caso fossem ursos* surge em construção paralelística que começa com uma descrição lúdica – ou nefelibata, como diriam os dicionaristas – e termina com uma confissão que convida o *outro* para a reflexão, o delírio e outras formas de se lidar com a realidade. A construção se apresenta assim:

um par de nuvens brinca
com os esplêndidos futuros que teriam
caso fossem ursos

enquanto eu e você e um pensamento insistente
passeamos curiosamente distraídos

com a despreocupação que teríamos
caso fôssemos nuvens

Os pares se formam seguindo uma estrutura bem definida: nuvens/nós, brinca/passeamos, futuros/despreocupações, ursos/nuvens. Mais do que isso, a atitude reflexiva se realiza numa estrutura especular em que irrealidades se reconhecem com sinais trocados – a solidez dos ursos e a fluidez das nuvens se cortejam. O poema se encerra com um dístico:

antes de pensar em fazer algo
prefiro pensar em não fazer

Perceba-se que os versos são eneassílabos e evidenciam um recurso explorado em todo o livro, pois, ainda que nitidamente compostos de versos livres, os poemas mostram o domínio do poeta sobre o ritmo e sua capacidade de usar de metros definidos quando necessários à construção da musicalidade que os permeia.

Acrescente-se, ainda, que se é visível que tal remate é a consequência dos conceitos enumerados na estrofe anterior, nota-se a citação disfarçada de uma tradição de perplexidade diante das imposições da realidade. Tradição que se apresenta em diversos semblantes - renúncia, abstinência, fuga -, que coleciona entre os seus cativos autores como Rulfo, Rimbaud, Walser, Nassar e que, em nossa língua, teve sua melhor definição na pena do Barão de Teive: *O escrúpulo é a morte da ação.*

Chegando ao fim do primeiro poema, impõe-se ao leitor, portanto, a necessidade de retornar ao título e às epígrafes e, relendo-os, redimensionar as escolhas do poeta. Ao estabelecer este diálogo, o leitor já terá diante de si um pequeno apanhado das constantes de **caso fossem ursos:** citações ocultas, oposições, diálogos, silêncios, renúncias.

E bastará chegar ao próximo exercício para comprovar. Num poema iniciado com um terceto, em que a estrutura excede formalmente a tradição do haicai (6-7-6 x 5-7-5), mantém sua concentração expressiva:

Tantos poemas lidos
que em vez de sonhar contigo
tive um sonho esquisito

Mais uma vez aparece o sonho, mais uma vez o recurso pontual aos metros fixos, mais uma vez a presença do outro. Tudo isso numa atualização da alegoria contida na viagem do poeta por terras além.
E, assim, segue-se por todo o livro. A cada momento, o leitor perguntar-se-á se está diante de uma reflexão ou de um delírio:

sou a lágrima que destrói a tranquilidade do lago
o sussurro que disparata o sonho
o vacilo o transtorno a desilusão (Em **poema**)

ou

um poema é o que acontece
enquanto o tempo esquece
de existir (em **fragmentos sobre o tempo**)

E, em meio às citações evidentes e oblíquas de suas referências culturais, o poeta exibe seu talento em estrofes de diferentes durações e condensa seu lirismo em versos arrebatadores como

Desnecessário é encontrar-se. (de **home exile blues**)

a primavera é uma tarde tão breve,
uma canção (de **spring song**)

Há tempos penso tanto em ti
que te tornaste minha filosofia (de **versos de amor fingido**)

E, nesse caminho, vão se revelando a frustração e a dor do poeta diante da constatação de que a realidade é, ou será, outra manifestação do irreal. Um futuro já pretérito, como no terceto final de **ruínas**. O silêncio resignado nas estrofes iniciadas com **calar talvez** ou no terceiro movimento de **home exile blues**. A poesia como antídoto e, ao mesmo tempo, contraponto inalcançável em **cummings como kawabata**. A perenidade das dúvidas em **aos 28**. O absurdo da sensatez em **after and after**. Os perigos das iluminações e da lógica em da **loucura** e **big bang**. Ou, ainda, no poema sem título iniciado por *se alguém perdidamente apaixonado*, a concentração imagética eloquente (desnorteio, paixão, suicídio, congestionamento, chuva, rapidez, mensagem, dissipação) para comprovar que nada realmente é. Se for, deixará de ser.

Ao poeta, seja ele *Hilda*, *Bill*¸ ou *outro alguém*, cabe fazer-se ouvir, para disfarçar as provas de sua inexistência, tomar como suas as lições de cada outro que gastou sua primavera na tentativa de atrasar a noite inevitável. E assim, o poeta registra seu desconforto como outros inventaram obras e conceitos ou inventariaram feitos, tentos e amores.

Ao ser informado que *ao fecharmos a porta/ a noite durará para sempre*, restará ao leitor dominar e/ou acatar a necessidade de reler cada poema e encontrar novos diálogos/referências/citações, identificar-se com o eu-lírico, descobrir-se o *outro*. E quando, por fim, decidir-se por fechar o livro, estará lá, entre o convite e a advertência, a notícia de que a conversa deve continuar sob o inquietante título **como provar que você nunca existiu.**

São João da Boa Vista, janeiro de 2016.

Cesare nasceu em São João da Boa Vista em 1984. É autor deste **caso fossem ursos** e do ainda não escrito **como provar que você nunca existiu.**

São Paulo, 2016.

Penso num poema
que pense exatamente
como se perder

que pense nas nuances hiperbólicas
e nas nuances catastróficas
de se perder
mas que por distração se perca
nas nuances curiosas
ou nas irracionais
ou talvez proto-linguísticas
ou algo mais

como quem por se perder se perde
numa acrobacia, num tropeço
num pensamento errado
nesse poema.